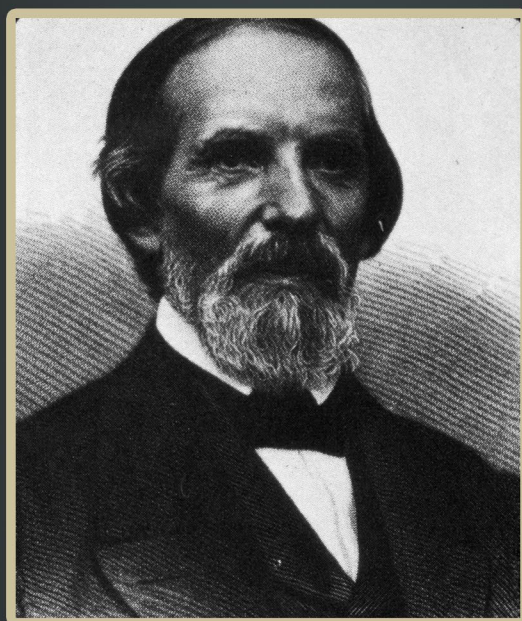


ARTIGOS DE PIONEIROS ADVENTISTAS

O VERDADEIRO CLAMOR DA MEIA-NOITE

“EIS QUE VEM O NOIVO! SAÍ AO SEU ENCONTRO!”



SAMUEL S. SNOW
1806-1890



CENTRO WHITE PRESS

Índice

Os 6.000 Anos	4
Os Sete Tempos dos Gentios	5
Os 2.300 Dias	6
As 70 Semanas	7
Os Tipos	9

O VERDADEIRO CLAMOR DA MEIA-NOITE

“EIS QUE VEM O NOIVO; SAÍ AO SEU ENCONTRO”

Vol. 1. Núm.1.

Editado por S. S. Snow

e Publicado por E. Hall Jr.; Haverhill, Mass.

22 de agosto de 1844.

Nosso bendito Senhor e Mestre prometeu que virá novamente e receberá Seu povo para Si, para que onde Ele estiver, eles possam estar também. O lugar em que Deus e Seu povo habitarão para sempre é a Nova Jerusalém, a Santa cidade que Deus lhes preparou, a qual deverá descer de Deus vinda dos céus; é também a Nova Terra, onde habita a justiça.

Acerca do *tempo* desta vinda, diz Ele em Marcos 13:32: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai”. Muitos pensam que esta passagem prova que os homens jamais saberão o tempo. Se assim for, ela também prova que o próprio Filho de Deus jamais saberá o tempo, pois o texto diz acerca dEle exatamente o mesmo que diz acerca dos anjos e dos homens. No entanto, será que alguém poderia crer que nosso glorioso Senhor, a quem é dado todo poder no céu e na terra, não conhece e continuará sem saber o tempo [de sua vinda] até chegar o momento em que Ele venha julgar o mundo? Se [a resposta for] não, então este texto jamais provará que os homens não possam entender o tempo. Numa antiga versão inglesa da passagem, lemos: “A respeito daquele dia e hora ninguém faz saber, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai”. Esta é a tradução correta segundo vários dos mais hábeis estudiosos da época. A palavra *saber* é usada aqui no mesmo sentido que Paulo escreveu em 1 Coríntios 2:2. Paulo bem sabia muitos outros assuntos além de Cristo e Ele crucificado, mas determinou-se a nada mais *tornar conhecido* entre eles. Assim, na primeira passagem citada, é declarado que ninguém a não ser Deus, o Pai, torna conhecido o dia e a hora, isto é, o *tempo definido* da segunda vinda de Seu Filho. Isto necessariamente implica que Deus é quem faz saber o tempo. O Velho Testamento contém o testemunho do Pai acerca de Seu Filho e também acerca do *tempo*, tanto da primeira como da segunda vinda. Portanto, o tempo é algo que deverá ser compreendido. Veja Daniel 12:10: “Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão”. Romanos 15:4: “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança”. É pelo ensino da palavra, sendo nela guiados pelo Espírito Santo, que iremos entender o tempo da vinda de nosso GLORIOSO REI. Como prova adicional, veja Daniel 9:25: “Sabe e en-

tende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos”. Marcos 1:14-15: “E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho”. Lucas 19:43-44: “Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiaram, e te estreitarão de todos os lados; E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visita”. 1 Pedro 1:9-11: “Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir”. Isaías 40:1-5; Atos 17:30-31: “Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo”. Eclesiastes 3:17: “Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo o propósito e para toda a obra”. Eclesiastes 8:5-7: “Quem guardar o mandamento não experimentará nenhum mal; e o coração do sábio discernirá o tempo e o juízo”. Jeremias 8:6-9: “Eu escutei e ouvi; não falam o que é reto, ninguém há que se arrependa da sua maldade, dizendo: Que fiz eu? Cada um se desvia na sua carreira, como um cavalo que arremete com ímpeto na batalha. Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola, e o grou e a andorinha observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor. Como, pois, dizeis: Nós somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Eis que em vão tem trabalhado a falsa pena dos escribas. Os sábios são envergonhados, espantados e presos; eis que rejeitaram a palavra do Senhor; que sabedoria, pois, têm eles?”. Oséias 9:7-9: “Chegarão os dias da punição, chegarão os dias da retribuição; Israel o saberá; o profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco”. Romanos 13:11-14, “E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono”.

Os 6.000 Anos

O período de tempo designado a este mundo em sua atual situação é de 6.000 anos, ao fim do qual se inicia o grande Sábado Milenar, citado em apocalipse 20, que terá início com o aparecimento pessoal de Cristo e a primeira ressurreição; veja Isaías 46:9,10; Gênesis 2:1-3; Hebreus 4:4-9; Isaías 11:10; 2 Pedro 3:8. Segundo a cronologia de Usher, que é geralmente aceita, a Era Cristã começou no ano 4004 [contando a partir da criação do mundo]. Mas Usher errou em 153 anos no período do juizes. Da divisão da terra de Canaã até o início da administração de Samuel, ele conta apenas 295 anos, enquanto que Paulo, em Atos 13:20, menciona o período como sendo “quase quatrocentos e cinquenta anos” (ARC). Do livro de Juizes obtemos 430 anos e Josefo nos acrescenta 18 anos para [o período d]os anciãos e da anarquia, antes que qualquer juiz dominasse; isso somado aos 430 [anos] resulta em 448 [anos], e isso está em harmonia com Paulo, supondo que ele tivesse arredondado os números. A diferença entre esse número e aquele dado por Usher é de 153 anos, os quais devem ser adicionados à idade do mundo, fazendo com que a Era Cristã se iniciasse no ano 4157; ou, em outras palavras, 4.156 anos [inteiros] e uma fração [de ano] haviam passado no suposto momento do nascimento de Cristo. Subtraindo esse número dos 6.000 anos restam 1.843 [anos] e uma fração [de ano]. Assim o período terminará *durante* o ano de 1844 d.C.

Os Sete Tempos dos Gentios¹

Os sete tempos de domínio dos gentios sobre a igreja de Deus, mencionados em Levítico 26, tiveram início com a quebra do orgulho de seu poder, no cativeiro de Manassés, rei de Judá, no ano 677 a.C. Veja Isaías 10:5-12; Jeremias 15:3-9; 1:17; 2 Crônicas 33:9-11. Esta é a data atribuída por todos os cronologistas para aquele evento. Os sete tempos proféticos totalizam 2.520 anos. Como prova disso veja Apocalipse 12:6 e 14, em que 3 tempos e ½ são equivalentes a 1.260 anos. Um tempo, portanto consiste de 360 anos solares, que multiplicados por 7 resultam em 2.520. Se este período tivesse começado no primeiro dia de 677 a.C., teria terminado no primeiro dia de 1844 d.C., pois 677 anos completos de um lado e 1.843 de outro, resultam em 2.520 anos completos. Foi suposto que o período terminaria em 1843 d.C. Mas como uma parte de 677 a.C. ficou de fora, uma parte correspondente de 1844 d.C. deve ser incluída para que o período fique completo. Foi provavelmente no outono

¹ Os *sete tempos* dos gentios são conhecidos como o período de 2.520 anos, atualmente defendido por alguns, e no passado por pioneiros como S. S. Snow, Guilherme Miller, Hiran Edson, etc. Contudo, outros pioneiros se posicionaram contra esta ideia: Tiago White, Uriah Smith, etc. De acordo com todo o material a que temos acesso, Ellen White jamais mencionou os 2.520 dias ou anos, nem se referiu ao período como constituindo profecia de tempo. Pelo contrário, no livro *O Grande Conflito*, p. 351, ela chamou os 2.300 anos de “o período profético mais longo” da Bíblia: “Miller e seus companheiros proclamaram que o período profético mais longo e o último apresentado na Bíblia estava a ponto de terminar [...]”. A mensagem apresentada por Miller e seus companheiros anunciava a *terminação dos 2.300 dias*. E 2.300 anos são menos do que 2.520 anos. Se Ellen White diz que os 2.300 anos são a profecia mais longa da Bíblia, o que então representam os 2.520 anos? São automaticamente eliminados de serem candidatos a profecia de tempo.

Na *Review and Herald* de 1º de abril de 1880, os editores (Tiago White, J. N. Andrews e Uriah Smith) declararam: “Alguns escritores sobre cronologia não têm tido pouco a dizer, fundamentalmente, acerca de um suposto período profético, ao qual introduzem sob o nome de ‘os sete tempos’, e interpretam como representando um período de 2.520 anos. É admirável o malabarismo aritmético e histórico utilizado a fim de encontrar um ponto de início e fim para este importante e extenso período. [...] Alega-se que este período se encontra em Levítico 26:18, 21, 24 e 28. O único problema nisso é que não há um período assim nesse capítulo, nem em parte alguma da Bíblia. Achamos que seria muito melhor que as pessoas empregassem sua força na busca por descobrir a aplicação *correta* dos períodos proféticos que *são* apresentados na Bíblia, ao invés de descobrirem de maneira tão laboriosa um lugar para iniciar e terminar os não apresentados [...]”.

O erro em interpretar os sete tempos como algo profético provém de uma confusão na tradução do texto hebraico para o inglês. A expressão em inglês “seven times”, pode ter dois significados: “sete tempos” ou “sete vezes”. Se o significado em hebraico fosse “sete tempos”, a expressão poderia representar “tempos” proféticos, assim como a expressão “tempo, tempos e metade de um tempo” representa os 1.260 anos. Mas é evidente que esse não é o caso ao analisar-se o contexto e as próprias palavras usadas nas línguas bíblicas originais. Quando se fala em “tempo” profético na Bíblia, a palavra traduzida por “tempo” possui uma palavra original correspondente. No hebraico (Daniel 12:7), a palavra para “tempo” profético é מועד [mo'ed], no aramaico (Daniel 7:25) é ܝܕܢ [iddan] e no grego (Apocalipse 12:14) é καιρός [kairós]. Mas nesse texto de Levítico 26, não há palavra alguma para “tempo”, e nem mesmo para “vezes”. Há apenas a palavras para “sete”. A tradução literal do verso 18 seria: “eu voz punirei *sete mais* por causa de vossos pecados”, o que denota sete *vezes* mais, e não sete *tempos* mais.

Portanto, esse suposto período profético de 2.520 anos não tem qualquer base bíblica. Uriah Smith fecha o assunto com as seguintes palavras no Apêndice da edição original de seu livro *Thoughts on Daniel and the Revelation*, p. 784 e 785: “Quase todo artifício do ‘Plano das Eras’, ‘Era Vindoura’, etc., faz uso de um suposto período chamado os ‘Sete Tempos’; e é feita uma tentativa de calcular um notável cumprimento mediante eventos na história judaica e pagã. Todos esses especuladores fariam bem em poupar seus esforços, pois tal período profético não existe na Bíblia”.

que Manassés foi levado cativo. Como prova disso, veja Oséias 5:5; Isaías 7:8 e 10:11. Oséias declara que Efraim e Israel cairão, e que Judá cairá com eles. Isaías descreve o rei da Assíria como ameaçando fazer com Jerusalém o que havia feito com Samaria. Portanto, o cativo das dez tribos ocorreu antes da invasão de Judá, porém no mesmo ano. A profecia de Isaías 7:8 é corretamente datada em 742 a.C. Se contarmos 65 anos a partir desse ponto, chegamos ao ano 677 a.C. Naquele ano ocorreu a quebra definitiva de Efraim, a fim de que não mais fosse povo. Essa história se encontra em 2 Reis, capítulo 17. Os reis não saíam em expedições bélicas durante o outono ou inverno; somente na primavera ou verão. Assim, na primavera ou verão de 677 a.C., Esar-Hadom e os Assírios começaram a remover das cidades de Samaria os remanescentes das dez tribos; e quando terminaram essa remoção, trouxeram estrangeiros e os estabeleceram em lugar dos israelitas para habitar naquelas cidades. Havendo concluído essa obra, que provavelmente levou alguns meses, estavam então prontos para invadir a Judá. Dessa forma, no outono de 677 a.C. os Assírios tomaram a cidade de Jerusalém, amarraram seu rei com grilhões e o levaram à Babilônia. A partir daquela data, 2.520 anos chegam até o outono de 1844 d.C. Então o tempo dos gentios irá se cumprir, a dispensação da plenitude dos tempo virá, o Redentor virá a Sião e todo o Israel será salvo.

Os 2.300 Dias

Os 2.300 dias de Daniel 8:14 são apresentados como o período de duração da visão contida nesse capítulo. O carneiro representa a Medo Pérsia, o bode representa a Grécia e o pequeno chifre que se tornou excessivamente grande é Roma. De acordo com os capítulos 2 e 7 de Daniel, descobrimos que Roma terá seu fim quando vier o Ancião de Dias, o juízo assentar-se, o Filho do homem vier sobre as nuvens do céu e o Deus do Céu estabelecer o Reino Eterno. Portanto, os 2.300 dias, que se estendem ao momento em que o chifre grande “será quebrado sem o auxílio de mãos” e ao “último tempo de indignação”, são 2.300 anos e terminam com a volta de Jesus nas nuvens de glória. O período começa com as 70 semanas de Daniel 9:24, que são *determinadas* ou *cortadas*, constituindo uma parte dos 2.300 dias. Consequentemente, esses dois períodos precisam começar juntos. A partir do verso 25, descobrimos que eles têm início com a ordem ou decreto para restaurar e edificar Jerusalém. É possível iniciar essa contagem a partir de dois eventos: (1) quando o decreto foi *emitido pela primeira vez*, ou (2) quando o decreto entrou em execução. Mas a primeira opção está descartada, pois o decreto abrange tudo o que foi decretado por Ciro, Dario e Artaxerxes, reis da Pérsia. Veja Isaías 44:28; 45:13; 2 Crônicas 36:22, 23; Esdras 1:1-4; 6:1-15; e Esdras 7. O decreto abrange três grandes objetivos: construir o templo, restaurar a nação judaica e reconstruir as ruas e muros. Agora, se as 70 semanas, que correspondem a 490 anos, tivessem começado com a primeira emissão do decreto, no ano 536 a.C., teriam terminado no ano 46 a.C. Entretanto, as 69 semanas deveriam se estender até a manifestação do Messias, o Príncipe, e a 70ª, ou última semana inclui o período da crucificação. É necessário, portanto, que iniciemos a contagem a partir da segunda opção, ou seja, da *promulgação e execução* do decreto na Judéia. Do texto de Esdras 7:8, 9, descobrimos que Esdras iniciou a jornada no 1º dia do 1º mês e chegou a Jerusalém no 1º dia do 5º mês, no 7º ano de Artaxerxes, [o ano] 457 a.C. Tendo chegado a Jerusalém, Esdras nomeou Magistrados e Juizes, e restaurou a nação judaica sob o amparo do rei da Pérsia, sendo totalmente autorizado a fazê-lo pelo decreto de Artaxerxes. Isso necessariamente requeria um pouco de tempo, conduzindo-nos

ao ponto em que, efetivada a restauração, iniciou-se a reconstrução das ruas e dos muros. As 70 semanas são divididas em 3 partes: 7 semanas, 62 semanas, e 1 semana – veja Daniel 9:25. O texto mostra que as 7 semanas são dedicadas à reconstrução das ruas e do muro. Assim, tiveram início quando começaram a reconstrução, no outono de 457 a.C. Desse ponto, 2.300 anos chegam ao outono de 1844 d.C.

As 70 Semanas

As 69 semanas se estendem até a manifestação do Messias. Muitos imaginam que isso se deu por ocasião do batismo de Cristo; mas isso é um erro, e pode ser plenamente visto lendo João 1:29-34. Lá vemos que, depois do batismo de Cristo, Ele não foi conhecido pelos Judeus como Messias. João disse no verso 26: “Eu batizo com água; mas no meio de vós está um a quem vós não conheceis”; e nos versos 33 e 34 ele declara que não O conhecia até que viu o Espírito descer e permanecer sobre Ele em Seu batismo, que ocorreu antes de ele dar esse testemunho. Não existe nenhuma prova de que alguém além de João tenha visto o Espírito descendo. Portanto, esta prova de que Jesus era o Messias não foi dada a ninguém senão a João, salvo se fosse transmitida a outras pessoas mediante seu testemunho. Mas o testemunho de João não foi suficiente para estabelecer esse ponto; Jesus declarou em João 5:33 e 34: “Vós mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não recebo testemunho de homem”. E, no verso 36, Cristo disse: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço, testificam de mim, que o Pai me enviou”. Os milagres de Cristo provaram que Ele era o Messias, mas, mesmo o Seu *testemunho* sem os *milagres*, não seria suficiente para estabelecer o ponto, como se evidencia pelo verso 31: “Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro”. Os milagres de Cristo *realizados publicamente* não tiveram início até que João foi lançado na prisão – veja Mateus 11:2-6; Lucas 7:19-23. A profecia de Daniel 9:25 sobre as 69 semanas era destinada a toda a nação Judaica; e eles foram condenados em decorrência de não a compreenderem. Em Lucas 19:43 e 44 vemos nosso Senhor proferindo a respeito deles os mais terríveis juízos por não terem conhecido o tempo de sua visita. A profecia era clara e eles deveriam ter dado ouvidos. Nosso Salvador também lhes declarou claramente quando o período terminou, dizendo: “O TEMPO ESTÁ CUMPRIDO”. Veja Marcos 1:14, 15; Mateus 4:12-17; Atos 10:37. Assim, vemos que as 69 semanas terminaram e a 70ª semana começou logo depois que João foi aprisionado. João começou seu ministério no 15º ano de Tibério César; veja Lucas 3:1-3. De acordo com relatórios unânimes dos cronologistas, a administração de Tibério começou em agosto do ano 12 d.C. Quatorze anos após esse momento nos leva a agosto do ano 26 d.C., sendo esse o início de seu 15º ano. Assim, o ministério de João começou na última parte do ano 26 d.C. Lucas 3:21 nos informa que, após João estar batizando por algum tempo, Jesus veio até ele e foi batizado; e o verso 23 nos informa que naquele tempo Ele não estava longe dos 30 anos de idade. É astronomicamente provado que nosso Salvador nasceu quatro anos antes da era Cristã. A prova é esta: por volta do ano 527 d.C., Dionísio Exíguo, um monge Romano, fixou o início da Era Cristã no ano 4713 do calendário Juliano. Esta contagem foi seguida até o tempo atual. Mas Josefo, em sua obra *Antiguidades*, livro 17, capítulo 6, menciona especialmente um eclipse da lua, que ocorreu pouco tempo antes da morte de Herodes; e os quadros astronômicos provam que o eclipse ocorreu em 13 de março do ano 4710 do calendário Juliano. Nosso Mestre

nasceu alguns meses antes disso; pois, após seu nascimento, Herodes procurou destruir-Lhe a vida, e José, sendo avisado em sonho por um anjo do Senhor, tomou o recém-nascido e sua mãe e foi ao Egito, onde permaneceu até a morte de Herodes – veja Mateus 2:13-15. Portanto, o último ponto que podemos fixar para o nascimento de Cristo é próximo ao fim do ano 4709, apenas quatro anos antes do ponto que Dionísio estabeleceu para o início da Era Cristã. Consequentemente, Jesus tinha 30 anos de idade próximo ao fim do ano 26 d.C.; e, por ocasião de Seu batismo, tinha pouco mais do que 30 anos. Logo depois disso, como evidenciado em João 2:11-13, ocorreu uma Páscoa. Sendo esta a primeira Páscoa após João haver iniciado seu batismo, ela provavelmente aconteceu na primavera do ano 27 d.C. Depois disso, Jesus teve Sua entrevista com Nicodemos, na qual Lhe ensinou a respeito da regeneração – veja João 3:1-21. No verso 22 somos informados que, depois destas coisas, Jesus retornou para a Judéia, onde *permaneceu* e batizou. Uma vez que Jesus estava em Jerusalém durante a Páscoa – veja João 2:23 – e, então, retornou à Judéia, deve ter ficado fora da Judéia entre esses dois pontos no tempo. Isso necessariamente nos leva até o verão ou outono do ano 27 d.C. Mas, “João ainda não tinha sido encarcerado” – veja João 3:24. Então, somos forçados a fixar a data em que Jesus começa a proclamar o evangelho na Galileia para o outono do ano 27 d.C. Aqui terminaram as 69 semanas e iniciou-se a semana na qual a *aliança é confirmada* – veja Daniel 9:27. No *meio* da semana Jesus fez com que cessasse o sacrifício e a oferta, oferecendo-Se a Deus sobre a cruz como Cordeiro sem mácula. A palavra traduzida do Hebraico como “meio”, é definida pelo Léxico como “meio, metade, meia parte”. A semana foi dividida em duas metades, e o evento que faria essa divisão foi a morte de Cristo. De acordo com o Dr. Hales, um dos mais hábeis cronologistas, esse evento ocorreu, no verão do ano 31 d.C. Ferguson colocou isso em 33 d.C.; mas, a fim de prová-lo, se apegou ao modo rabínico de contagem do ano, o qual não é correto. Esses começam o ano com a lua nova em março; mas os Caraítas iniciam o ano com a lua nova em abril. O nome Caraíta significa “perfeito na lei”. Estes acusam os Rabinos de haverem se afastado da lei e se conformado aos costumes dos pagãos; e a acusação é justa, pelo fato de que regulam seu ano pelo equinócio vernal, imitando os Romanos; ao passo que a lei nada diz a respeito do equinócio vernal; mas requeria que se fizesse a oferta das primícias da cevada no 16º dia do 1º mês. Mas, se o ano começava, de acordo com os Rabinos, com a lua nova em março, não era possível que a colheita da cevada estivesse madura 16 dias depois. Assim, os Caraítas estão seguramente corretos. Ora, nosso Senhor foi crucificado no dia da Páscoa; evidência disso encontra-se em João 18:28. Era também o dia que antecede ao sábado, como evidenciado em João 19:31. De acordo com a contagem Rabínica, a Páscoa ocorreu no dia que antecede ao sábado apenas no ano 33 d.C., mas não por diversos anos antes ou depois desse ano. Entretanto, de acordo com a contagem Caraíta, a Páscoa ocorreu no dia anterior ao sábado no ano 31 d.C. Portanto, foi esse o ano da crucifixão. A aliança foi confirmada durante meia semana por Cristo e outra meia semana pelos apóstolos – veja Hebreus 2:3 e 4. “Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada *inicialmente* pelo Senhor, foi-nos depois *confirmada* pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a Sua vontade”. A aliança que foi confirmada é a nova aliança, isto é, o evangelho. Confirmá-la significa estabelecer-lhe sobre uma *base sólida*. A base do evangelho é *Jesus e a ressurreição* – veja Atos 17:18; Coríntios 3:9-11; Efésios 2:20. O evangelho foi estabelecido sobre este fundamento por

testemunhos, acompanhados de milagres, como provas indispensavelmente necessárias. Mas João não realizou *milagre algum* – veja João 10:41. Portanto, o ministério de João não fazia parte da confirmação. Durante metade da semana, Deus operou por meio de Cristo naquelas poderosas realizações; e na outra metade, Ele operou por meio dos apóstolos, aos quais tinha atribuído uma *obra especial*, para a qual estavam devidamente qualificados. Sua tarefa era *testemunhar* a respeito das *obras* e da *ressurreição* de nosso Senhor – veja Lucas 1:2; João 15:27; Lucas 24:48; Atos 1:8, 21 e 22; 2:32; 3:15; 10:36 e 42; 1 João 1:1 e 3. Com exceção de uma, todas essas testemunhas foram oficialmente convocadas e qualificadas, tendo estado com Cristo desde o início de Seu ministério, após o aprisionamento de João. Mas, quando Paulo foi convertido e recebeu sua dispensação do evangelho aos gentios, uma testemunha *especial* foi convocada.

Todos eles testificaram do fato glorioso e fundamental de que Jesus Cristo tinha ressurgido dos mortos. Gálatas 1:10-12; 1 Coríntios 15:1-9. Para os apóstolos, a ressurreição de Cristo não era uma questão de fé, mas de conhecimento. Eles haviam visto, tocado e conversado com Ele; haviam comido e bebido com Ele após Sua ressurreição e receberam dEle a ordem de testificar a respeito dessas coisas. Assim fazendo, confirmaram a aliança, ou, em outras palavras, estabeleceram o evangelho sobre a ressurreição de Cristo, que é a base da fé e esperança de todos os filhos de Deus. Mas este *testemunho por si só* não era suficiente para estabelecer o fato de que Jesus havia ressurgido dos mortos. Portanto, nos é declarado em Marcos 16:20: “E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e CONFIRMANDO a palavra por meio de sinais, que se seguiam.” Veja também Hebreus 2:3 e 4. Quando Paulo, a última testemunha, foi chamado e deu seu testemunho confirmado por milagres, o evangelho como sistema divino de fé, esperança e amor foi estabelecido sobre sua verdadeira fundação; em outras palavras, a aliança foi confirmada. Paulo foi convertido no outono do ano 34 d.C. Tendo Jesus sido crucificado na metade ou no meio da semana, no dia da Páscoa, que era o 14º dia do 1º mês, segue-se que a semana começou no 7º mês do ano 27 d.C. e terminou no 7º mês do ano 34 d.C. Este foi o término das 70 semanas. Partindo desse ponto, faltavam 1.810 anos para se completarem os 2.300 dias. E, começando no 7º mês do ano 34 d.C., os 1.810 anos se estendem até o 7º mês do ano 1844 d.C.

Os Tipos

A lei de Moisés continha uma sombra dos bens vindouros, um sistema de figuras e tipos apontando para Cristo e Seu reino. Veja Hebreus 10:1; Colossenses 2:16 e 17. Tudo que a lei continha seria cumprido por meio dEle. Em Mateus 5: 17 e 18, Jesus declara: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”. Em Sua primeira vinda, quando morreu sobre a cruz, nosso Senhor começou a cumprir aqueles tipos contidos na lei. Como nosso grande Sumo Sacerdote, Ele os continua cumprindo; e, quando vier pela segunda vez, terminará o cumprimento dos tipos. Não falhará em cumprir o mínimo ponto que seja, quer na questão física prevista, ou no *tempo* tão *definidamente* determinado para a ocorrência dos tipos, pois Deus é absolutamente pontual. Veja Atos 17:26-31; Jó 24:1; Levítico 23:4 e 37. Essas passagens mostram que o

TEMPO é um ponto importante na lei do Senhor. Portanto, tipo e antítipo devem ter perfeita correlação na questão tempo. Uma tipologia que se cumpriu em Cristo foi a morte do cordeiro Pascoal. O cordeiro era morto no 14° dia do 1° mês. Veja Levítico 23:5. Em Êxodo 12:6, somos informados que o cordeiro era morto no crepúsculo da tarde. A leitura da margem apresenta a tradução literal do Hebraico: “entre as duas tardes”. Em sua obra a respeito da Páscoa, Joseph Frey, um Judeu convertido, disse que a tarde do dia era por eles dividida em duas partes: a tarde menor ou anterior e a tarde maior ou posterior. O ponto divisor entre as duas tardes era 3h da tarde, ou seja, a 9ª hora do dia. Jesus morreu na cruz no mesmo dia e na mesma hora [da morte do cordeiro pascal]. Veja Marcos 15:33-37. Assim, Cristo, nosso Cordeiro Pascoal, foi sacrificado por nós. Nenhum ponto da lei falhou aqui. *A questão do tempo foi estritamente observada.* Em Levítico 23:6 e 7, somos informados que o dia após a Páscoa deveria ser um sábado especial; e nos versos 10 e 11 há uma ordem de oferecer as primícias da colheita na manhã após sábado. Esse era um tipo [ou símbolo] da ressurreição de Cristo. E no mesmo dia, isto é, no dia depois do sábado, Ele rompeu as cadeias da tumba e ressurgiu triunfante, uma amostra da colheita futura, as primícias dos que dormem. Veja 1 Coríntios 12:20-23. E novamente, em Levítico 23:15 e 16, temos a época da festa das semanas, também chamada de Pentecostes, que significa o 50° dia. Este foi o aniversário da descida de Deus sobre o Monte Sinai, na promulgação da lei; e se cumpriu, como vemos em Atos 2:1-4, quando o Espírito Santo desceu como um vento impetuoso e como línguas de fogo, dando aos apóstolos poder do alto, os quais foram qualificados a sair e executar a grande comissão que o Mestre lhes tinha dado, pregando o evangelho a toda criatura.

Assim vemos que aqueles tipos que apontavam aos eventos conectados com a primeira vinda de nosso Senhor foram cumpridos exatamente no *tempo* de sua observância. E todo aquele que não for voluntariamente cego deve ver, e também reconhecer, que aqueles [tipos] que ainda não se cumpriram serão cumpridos com a *mesma rigorosa observação de tempo*. E não apenas isso, mas o próprio Cristo confirma o argumento por analogia, declarando que nem um “i” ou “til” passará da lei, até que tudo se cumpra. Esses tipos, que deveriam ser observados no 7° mês, ainda não se cumpriram em seu antítipo.

O 1° dia do mês, como vemos em Levítico 23:23-25, era o memorial do soar de trombetas. Veja Salmo 81:3: “Tocai a trombeta na Festa da Lua Nova, no tempo marcado para a nossa solenidade” (ARC). Veja também Apocalipse 10:7: “Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas”. No 1° dia do 7° mês, havendo completado 6.000 anos do 1° dia da 1ª semana da criação, o grande Sábado Milenar será introduzido pelo soar da 7ª trombeta. Há outro tipo [ou símbolo] em Levítico 23:26-32, isto é, o dia da expiação ou reconciliação, no 10° dia do 7° mês, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo do tabernáculo, apresentando o sangue da vítima perante o propiciatório, sendo que, depois disto, no *mesmo dia*, ele saía e abençoava a congregação de Israel que o aguardava. Veja Levítico 9:7, 22-24 e o capítulo 16; Hebreus 5:1-6 e 9:1-12, 27 e 28. Ora, o *ponto importante* nesse tipo é que a reconciliação se *completa* quando o sumo sacerdote *sai* do lugar santíssimo. O sumo sacerdote é um tipo de Jesus, nosso Sumo Sacerdote; o lugar santíssimo é um tipo do próprio Céu; a saída do sumo sacerdote é um tipo da vinda de Jesus pela segunda vez, para abençoar os que O aguardam. Isso acontecia no 10° dia do 7° mês. Então, nesse dia,

Jesus certamente virá, pois nem um *único ponto* da lei irá falhar. *Tudo deverá ser cumprido*. A festa dos tabernáculos, que se iniciava no 15º dia do 7º mês (veja Levítico 23:33-43) era um tipo da ceia das bodas do Cordeiro, que será celebrada na Nova Jerusalém, o tabernáculo de Deus que estará com os homens. Em Levítico 25:8-13, 23 e 24, descobrimos que, no 10º dia do 7º mês, no 50º ano, a trombeta do Jubileu sempre deveria ser tocada, e redenção deveria ser concedida para toda a terra. Que todos leiam atentamente a ligação desse assunto e certamente entenderão que este é um tipo extremamente marcante da gloriosa libertação do povo de Deus e de toda a criação que está gemendo sob a maldição, quando o Redentor vier a Sião e realizar o resgate dos corpos de todos os Seus santos e a redenção da propriedade comprada por Deus. Veja Romanos 8:19-23; Efésios 1:9-14. Portanto, nosso bendito Senhor virá, para espanto de todos os que habitam sobre a terra e para salvação daqueles que verdadeiramente O aguardam, no *10º dia do 7º mês do ano Jubileu*: e esse é o *presente* ano, 1844.

“Se não ouvem a MOISÉS e aos PROFETAS, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.